

Hemocentro comemora 20 anos de transplantes de medula óssea

CAIUS LUCILIUS
Especial para o JU

Há 20 anos, o Brasil discutia entre acadêmicos e membros da equipe econômica do governo Itamar Franco, propostas para combater a inflação – de 206% ao mês – através de choques heterodoxos. As altas taxas de inflação, que marcaram o ano de 1993, levaram o governo a editar a medida provisória que criou o Cruzeiro Real e um ano depois seria transformado em Real. A inflação (IPCA) despencou em 1993 de 2.477,15% para 916,46% (94), e para 22,41% em 1995.

Nesta mesma data, acontecia no Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp, o primeiro transplante de medula óssea do interior do Estado, em uma paciente com diagnóstico de leucemia mielóide crônica (LMC). Como boa parte dos componentes laboratoriais e medicamentosos eram importados, a instituição enfrentava, ainda, o desafio de vencer uma inflação diária para salvar vidas. A primeira paciente faleceu alguns meses depois, mas Severina Gomes, a segunda pessoa transplantada, conseguiu vencer uma anemia aplásica depois de uma doação do irmão. Hoje, aos 57 anos, leva uma vida normal.

Exatos 20 anos depois, a enfermeira Maria Aparecida dos Santos recebeu alta do HC da Unicamp após um transplante bem-sucedido. Foram 14 anos, depois do diagnóstico de leucemia mielóide crônica, aguardando um doador compatível não aparentado. Apesar de o Brasil ser hoje o terceiro maior banco de doadores do mundo, com 3 milhões de pessoas, ainda é um desafio o baixo número de doadores compatíveis. Até agora, o Hemocentro da Unicamp realizou 1.122 transplantes (740 transplantes alogênicos e 382 autólogos).

“É um casamento indissolúvel pelo resto da vida”, diz Afonso Vigorito, coordenador do serviço de transplantes de células-tronco hematopoéticas (TCTH) – denominado genericamente de transplante de medula óssea, se referindo ao transplantado que precisa de um acompanhamento constante da equipe médica. O transplante de medula e de células-tronco sanguíneas aumentou a taxa de sobrevivência para alguns tipos de câncer hematológico para 90%. Antes, as chances de cura beiravam zero.

Para a coordenadora do Hemocentro da Unicamp, Sara Saad, as equipes do Hemocentro e do HC da Unicamp desenvolveram uma larga experiência na estruturação do grupo multidisciplinar com médicos e enfermeiros, treinados no Brasil e no exterior. “Nosso centro está entre os melhores

Pioneira no Interior, unidade da Unicamp atingiu a marca de 1.122 procedimentos

da América do Sul em pesquisa científica e atendimento”, enfatiza Saad. Nesse período, foram 31 teses de mestrado, 20 de doutorado e quatro de pós-doutorado relacionados aos transplantes de células-tronco hematopoéticas. A produção científica se completa com 58 trabalhos publicados em revistas internacionais indexadas.

Trinta e quatro anos após a realização do primeiro transplante no Brasil, realizado pelo professor Ricardo Pasquini, em Curitiba, existem no país mais de 40 centros, concentrados principalmente nas regiões Sul e Sudeste. São Paulo é o Estado com o maior número de procedimentos ao ano, cerca de 45% do total. No mundo todo são cerca de 60 mil transplantes feitos todos os anos.

De acordo com Cármino Antônio de Souza, que foi o responsável pela criação da unidade na Unicamp, o serviço de transplantes de células-tronco hematopoéticas começou a ser planejado em 1991, a partir do momento em que o Hemocentro estava preparado para a área assistencial e com o laboratório de HLA montado. Segundo ele, a estruturação da unidade na Universidade custou, na época, cerca de US\$ 250 mil financiados pela Secretaria de Estado da Saúde. “Esse valor correspondia a um transplante realizado nos Estados Unidos”, recorda.

No entender do médico Afonso Vigorito, a limitação nos transplantes na Unicamp é estrutural, pois desde o início atua com um módulo hospitalar com sete apartamentos e nove leitos no quarto andar do Hospital de Clínicas. Só para lembrar, diz o hematologista, hoje a Unicamp realiza mais transplantes em leucemias agudas, procedimento habitualmente mais oneroso e de maior permanência hospitalar do que há 20 anos. “Além disso, ocorreu uma importante modificação no cenário dos transplantes com a implantação de novas técnicas, como o transplante de intensidade reduzida e a utilização de novas fontes como o sangue de cordão umbilical e de célula-tronco do sangue periférico”.

Foi aí que a ideia de montar um hospital hemoterápico e hematológico tornou-se mais concreta. Ao longo dos anos, o Hemocentro desenvolveu um projeto de



Foto: Divulgação
A enfermeira Maria Aparecida dos Santos: alta após transplante feito no HC

construção de sua unidade de assistência ambulatorial e hospitalar, que vai triplicar o número de leitos aos pacientes hematológicos e para os transplantes. A área e as fundações estão prontas e o custo total para conclusão da obra é de cerca de R\$ 35 milhões.

Para que se realize um transplante de medula é necessário que haja total compatibilidade tecidual entre doador e receptor, caso contrário, as células transplantadas podem iniciar um processo de rejeição ao receptor. Esta compatibilidade tecidual (histocompatibilidade) é determinada por um conjunto de genes localizados no cromossomo 6 – que contém genes ligados a defesa do corpo contra bactérias e vírus – por isso, devem ser iguais entre doador e receptor. Esta análise é realizada em testes laboratoriais específicos a partir de amostras de sangue de doador e receptor, chamados de exames de histocompatibilidade (HLA). Com base nas leis de genética, as chances de um indivíduo encontrar um doador ideal entre irmãos (mesmo pai e mesma mãe) são de 35%.

Quando não há um doador aparentado (um irmão ou outro parente próximo) disponível, como foi o caso de Maria Aparecida dos Santos, a solução é procurar um doador compatível entre os grupos étnicos semelhantes. Desta forma, surgiram os primeiros Registros de Doadores de Medula, em que voluntários de todo o mundo são cadastrados e consultados para pacientes de todo o planeta. Hoje, já existem mais de 20 milhões de doadores nos registros mundiais.

Afonso Vigorito enfatiza que o Hemocentro da Unicamp, através do serviço de TCTH, definiu uma linha de investigação local e internacional muito relevante em que o grupo foi associado ao European Bone Marrow Transplantation Group e pelo Registro Internacional de TMO (CIBMTR). “Estes registros têm como objetivo avaliar, em reuniões anuais, os resultados dos transplantes no mundo e discutir o aperfeiçoamento do procedimento”, resalta Vigorito.

Novas tecnologias de laboratórios empregadas em serviços na Europa e nos Estados Unidos, como exames de quimerismo – STR, PCR quantitativo para diagnóstico de infecção viral e PCR quantitativo para monitoramento da LMC, são disponibilizadas pela Unicamp mesmo sem a cobertura do SUS. “Olhar o passado nos permite um diagnóstico mais aproximado do futuro. Tudo isso faz do Hemocentro da Unicamp uma instituição fundamental para o sistema público de saúde e para formação de profissionais qualificados”, afirma Sara Saad.

MEDULA ÓSSEA

Um tecido líquido-gelatinoso que ocupa o interior dos ossos, sendo conhecida popularmente por “tutano”. Na medula óssea são produzidos os componentes do sangue: as hemácias (glóbulos vermelhos), os leucócitos (glóbulos brancos) e as plaquetas.

As hemácias transportam o oxigênio dos pulmões para as células de todo o nosso organismo e o gás carbônico das células para os pulmões, a fim de ser expirado. Os leucócitos são os agentes mais importantes do sistema de defesa do nosso organismo.

O médico E. Donnall Thomas, pioneiro no uso de transplante de medula óssea para tratar pacientes com leucemia e ganhador do Nobel de medicina em 1990, fez os primeiros transplantes na década de 60 e, em 1970, publicou o primeiro trabalho relatando um grande número de transplantes. Ele morreu no ano passado, em Seattle, nos EUA, aos 92 anos.

No transplante autólogo, utiliza-se a célula-tronco do próprio paciente, que é retirada após um processo de mobilização, para ser recolocada depois de uma quimioterapia de alta dose. Com este processo, espera-se destruir o tumor alvo do procedimento e restaurar o sistema imunológico e sanguíneo do paciente. Já no transplante alogênico, os médicos utilizam células de irmãos ou dos bancos públicos.



A coordenadora do Hemocentro, Sara Saad: “Nosso centro está entre os melhores da América do Sul em pesquisa científica e atendimento”



Fotos: Antonio Scarpinetti
Cármino Antônio de Souza, responsável pela criação do Hemocentro da Unicamp: serviço de transplantes começou a ser planejado em 1991



UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

Reitor José Tadeu Jorge
Coordenador-Geral Alvaro Penteadó Crósta
Pró-reitora de Desenvolvimento Universitário Teresa Dib Zambon Atvares
Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários João Frederico da Costa Azevedo Meyer
Pró-reitora de Pesquisa Gláucia Maria Pastore
Pró-reitora de Pós-Graduação Ítala Maria Loffredo D’Ottaviano
Pró-reitor de Graduação Luis Alberto Magna
Chefe de Gabinete Paulo Cesar Montagner

Jornal da Unicamp

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade semanal. **Correspondência e sugestões** Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, CEP 13081-970, Campinas-SP. Telefones (019) 3521-5108, 3521-5109, 3521-5111. Site <http://www.unicamp.br/ju> e-mail leitorju@reitoria.unicamp.br. **Twitter** <http://twitter.com/jornaldaunicamp> **Assessor** Chefe Clayton Levy **Editor** Alvaro Kassab **Chefia de reportagem** Raquel do Carmo Santos **Reportagem** Alessandro Silva, Carlos Orsi, Carmo Gallo Netto, Isabel Gardenal, Luiz Sugimoto, Maria Alice da Cruz, Manuel Alves Filho, Patrícia Lauretti e Silvío Anunciação **Fotos** Antoninho Perri e Antonio Scarpinetti **Editor de Arte** Luis Paulo **Editoração** André da Silva Vieira **Vida Acadêmica** Hélio Costa Júnior **Atendimento à imprensa** Ronei Thezolin, Patrícia Lauretti, Gabriela Villen e Valério Freire Paiva **Serviços técnicos** Dulcinéia Bordignon e Diana Melo **Impressão** Triunfal Gráfica e Editora: (018) 3322-5775 **Publicidade** JCPR Publicidade e Propaganda: (019) 3383-2918. **Assine o jornal on line:** www.unicamp.br/assineju